

10, 11 e 12 de novembro de 2025

POLITÉCNICO DO PORTO / ISCAP
PORTO - PORTUGAL

1. Que caminho a ciência aberta está percorrendo?

Vanessa Oliveira de Macêdo Cavalcanti, IFRN, <https://orcid.org/0000-0001-6976-8470>,
Brasil, vanessa.cavalcanti@ifrn.edu.br

Bruna Lais Campos do Nascimento, IFRN, <https://orcid.org/0000-0001-6612-2076>, Brasil,
bruna.campos@ifrn.edu.br

Clediane de Araújo Guedes, UFRN, <https://orcid.org/0000-0001-5504-4826>, Brasil,
clediane.guedes@ufrn.br

Israel Sharon Silveira Cavalcanti, UFRN, <https://orcid.org/0000-0003-2904-9759>, Brasil,
israelcavalcanti@gmail.com

Eixo: Perspectivas Epistemológicas

1 Introdução

Compreende-se o quanto o avanço da tecnologia trouxe impactos significativos para a ciência, como a maior circulação de dados e informações científicas. Mas, não podemos nos esquecer que percorremos caminhos onde o conhecimento científico se afastou do indivíduo comum não especializado, tornando-se um bem de apropriação, de determinações restritivas, de propriedade intelectual e de lucratividade, entrando a ciência em uma atmosfera elitista, individualista e de *status*. Observamos a informação científica ser cada vez mais restrita e com difícil acesso para uso exclusivo por aqueles que produzem o conhecimento científico.

Em contraponto, o movimento pela Ciência Aberta, chamou a atenção de diferentes atores sociais a partir das discussões e iniciativas promovidas primeiramente pelo Acesso Aberto, apontando possibilidades de mudanças estruturais na forma de fazer ciência, de como produzimos, registramos e disponibilizamos a informação científica para todos, sendo a ciência aberta como um instrumento que assinala para a democratização do saber (Albagli, 2017).

Diante disso, consideramos pertinente retomar questionamentos feitos pela pesquisadora Albagli (2014; 2015): Que ciência aberta? Para que tipo de desenvolvimento? Para quem?

Problematizamos se: Nas discussões e práticas em torno da ciência aberta, estamos muito mais voltados a desenvolver e implementar infraestruturas e aparatos tecnológicos? E mais, estamos efetivamente voltados para a promoção da ciência comum, sua popularização a ponto de torná-la mais próxima da sociedade?

Assim, neste artigo interessa-nos refletir sobre algumas questões pela qual a Ciência Aberta vem percorrendo, primeiramente sobre os aspectos iniciais que trouxeram a temática para o centro da discussão e, também, desperta-nos pensar sobre os aspectos da ciência e sociedade que antecede o processo de implantação de infraestruturas tecnológicas para promover a ciência aberta.

2 Referencial Teórico

Entendemos que as dimensões que fazem parte da ciência aberta tornaram-se aparentes e, foi acolhida na Ciência da Informação (CI) pela interdisciplinaridade do campo que é ativo

na resolução de problemas. Mas, indagamos se a ampliação é reforçada pelo uso da tecnologia. Sobre estes aspectos, consideramos pertinente o questionamento feito por Saracevic (1996, p. 57), em seus estudos sobre o campo da CI, ao perguntar sobre "até que ponto as aplicações tecnológicas permitem, realmente, o eficiente acesso à informação e à comunicação dos amplos estoques disponíveis de conhecimento?"

Em Ziman (1979, 1978/14) compreende-se que a ciência é o conhecimento público disponível para todos. Na concepção do teórico faz-se necessário compreender a ciência não de forma isolada e limitada, mas a partir das práticas sociais e suas implicações na sociedade.

Quanto a ciência aberta, Albagli, Appel e Maciel (2014, p. 8) conceitua que não é advogar pela facilidade de geração e circulação de informação e conhecimento, com produtivismo de nova ordem, "é um termo guarda-chuva, que envolve múltiplos níveis e escopos de abertura". No entanto, os mesmos autores esclarecem e expandem que a ciência aberta se relaciona "tanto a um sentido pragmático, no sentido de permitir maior dinamismo às atividades de CT&I", quanto um sentido democrático, "no sentido de permitir maior abertura e participação da sociedade". Desse modo, na busca por caminhos transcendentais, será necessário levarmos conosco os questionamentos que possibilitam transpor espaços hegemônicos de geração e até mesmo de usos oportunistas de estoques de informações produzidas no âmbito da ciência aberta. Visto que corroboramos com Albagli (2015) ao afirmar que,

O movimento pela ciência aberta deve ser pensado no contexto dos movimentos sociais que emergem em meio a mudanças nas condições de produção e circulação da informação, do conhecimento e da cultura, e que vêm desestabilizando arcabouços epistemológicos e institucionais vigentes. Trata-se de refletir sobre os desafios que essas mudanças trazem às dinâmicas científicas, seus valores e práticas, e sobre os novos olhares que se impõem para melhor

compreender e lidar com tais desafios (Albagli, 2015, p. 09).

A partir dessa consideração feita pela autora, percebemos que estamos no caminho de um novo movimento mundial pela ciência aberta, que propõe mudanças estruturais na forma de fazer ciência, de como produzimos, em que suportes registramos e onde disponibilizamos a informação científica para todos. Como isto, cabe-nos (re)pensar sobre os novos olhares que permitirão transcender as estruturas hegemônicas que estão sendo construídas, com foco expressivo na implementação de tecnológicas e de estoques volumosos de informação científica.

3 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, utiliza como embasamento teórico os estudos de Albagli (2014, 2015, 2017) que tratam sobre a Ciência Aberta. Contudo, consideramos necessário visitar as pesquisas de Ziman (1979, 1981), Bachelard (1996), Bourdieu (1994, 2004) e Cardona (2020). Proceda-se com a revisão da literatura para compreender os esforços de estudos sobre a Ciência Aberta e a análise documental.

4 Resultados Parciais

Compreendemos que o movimento pela ciência aberta, conforme Albagli (2017, p. 659), "investe-se de um duplo significado. Por um lado, trata-se sem dúvida alguma em aumentar a visibilidade, o acesso e a velocidade da produção e circulação do conhecimento científico", mas por outro ponto

[...] trata-se de aumentar a base social da ciência, conferindo maior porosidade na sua relação e interlocução com outros tipos de saberes e agentes cognitivos. Em síntese, [...] faz-se necessária uma perspectiva democrática, que reconheça e dialogue com outros atores e espaços de conhecimento (Albagli, 2017, p. 659).

No sentido mais amplo, precisaríamos compreender o que seria praticar uma ciência mais aberta em favor da sociedade, por meio de uma formação ampla que permita acolher “espíritos científicos”, propor uma ciência fundada na interação, de natureza dialética (Bachelard, 1996).

Deverá ser pertinente percebermos a necessidade de uma ciência aberta focada nos princípios da ética e transparência científica, mas que também reconheça a necessidade de não submeter a ciência ao capital intelectual e econômico, onde seria necessária não apenas uma sensibilização, mas também investir na formação de um novo espírito científico dos pesquisadores (Albagli, 2015).

Assim, desprendendo-se de um projeto hegemônico, a perspectiva de formar novos pesquisadores para realidades mais próximas das questões sociais, visando a solução de problemas cotidianos que o cidadão vivencia e para sua ampla disponibilização, será preciso permitir-se compreender a ciência que se faz para, e com a sociedade. Talvez, como propôs Cardona (2020, p. 65, tradução nossa), para o campo da CI, possamos pensar em um novo paradigma que “procura alternativas não hegemônicas para integrar a sociedade de acordo com as suas demandas e desafios [...]” com “a provisão da ciência a serviço das comunidades.” Por intermédio da valorização do conhecimento local que apresenta a história e a memória, construindo uma ciência efetivamente a serviço da sociedade, que fortalece a ruptura de estruturas que limitam a interlocução entre ciência e sociedade.

5 Considerações Parciais

Em síntese, surge a compreensão da ciência como uma prática social e não como um produto negociável, que por meio de narrativas de produtividade e de inovação desloca sua função primeira de existir. E mais, não podemos perder de vista que é urgente construirmos a ciência como um bem comum. Enfim, sendo a ciência aberta um instrumento que aponta para a democratização do saber, será preciso ampliarmos ações que possibilitem erguer novos espíritos científicos a

favor de promover uma ciência muito mais aberta.

1. Referências

- Albagli, S. (2014). Ciência Aberta em questão [sessão da conferência]. Seminário Internacional Ciência Aberta, Questões Abertas, Rio de Janeiro, Brasil.
https://www.cienciaaberta.net/wp-content/uploads/2014/05/20140820_Albagli_Ciencia_Aberta_em_questao.pdf
- Albagli, S. (2015). Ciência aberta em questão. Em S. Albagli, M. L. Maciel & A. H. Abdo, A. H. (org.), Ciência Aberta, questões abertas. Ibict & UNIRIO.
<https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1060>
- Albagli, S. (2017). Ciência aberta como instrumento de democratização do saber. Trab. educ. saúde, 15(3), 659-660.
<https://www.scielo.br/j/tes/a/NjMd4mXhD43CKqXPcZKrmji/?lang=pt>
- Albagli, S., Appel, A. L. & Maciel, M. L. (2014). E-science, Ciência Aberta e o regime de informação em ciência e tecnologia. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, 7(1), 1-20.
<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/854/1/124-540-1-PB.pdf>
- Bachelard, G. (1996). A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Bourdieu, P. (1994). O campo científico. Em R. ORTIZ, R. (org.), Pierre Bourdieu: sociologia. Ática.
- Bourdieu, P. (2004). Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. UNSP.
- Cardona, N. D. (2020). Ciencia de la información para qué y para quién? Aproximación a los paradigmas de la ciencia de la información en el contexto universitario. Em N. D. CARDONA & F. C. G. da SILVA. Epistemologias latino-americanas na biblioteconomia e ciência da informação: contribuições da Colômbia e do Brasil. Rocha (Selo Nyota).
- Saracevic, T. (1996). Ciência da informação: origem, evolução e relações. Perspec. Ci. Inf., Belo Horizonte, 1(1), 41-62, jan./jun.
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235>

